

A vida em Alta Sociedade¹

ego sum qui sum

O Alta Sociedade é uma plataforma complexa de entradas e redes sociais. A partir dele, é possível que o usuário enlace perfis que mantenham interesses em comum com os seus. Os usuários costumam vagar pelo mapa do aplicativo em núcleos gerais, chamados de pontos-de-encontro. Nos pontos-de-encontro não é raro que os perfis criem e reconheçam afinidades, traduzindo em código binário atividades que se resumem a respostas de sim ou não. Você fuma? Você bebe? Você ama Fulano? Ou Beltrano? Ou Cicrano?

O usuário tem total liberdade para traçar seu perfil desde que obedeça à regra básica do sim ou não. Um ou zero. O Alta Sociedade planifica os dados para obter maior aproveitamento nos cruzamentos de enquetes. Os pontos-de-encontro nada mais são do que nós que unificam e amplificam essa tendência, filtrando perfis e eliminando impurezas em rotinas seletivas artificialmente programadas. Os usuários se encontram quase ao acaso; seus perfis são apresentados uns aos outros e ambos automaticamente são informados da presença de tais e quais afinidades. A base de dados pergunta: “Você ama Fulano?” E mais abaixo, o usuário encontra espaço para marcar o seu xis. Sim. Ou não.

O amor, no Alta Sociedade, é verbo corriqueiro. Amar significa simplesmente conhecer, ou reconhecer, ou, apenas e tão-somente, *não odiar*. Atribuir ao amor essa responsabilidade significa estender suas capacidades para além da paixão, e da placidez maternal. Amar é ter uma correspondente binária que não exclui a possibilidade de contato e enlace mútuos. Mas ao mesmo tempo em que as relações amorosas sofrem um aprimoramento, esta redução dialética provoca uma polarização apaixonada. Amor. Ou ódio. No Alta Sociedade, é tudo ou nada. E, ainda que estejam a par disso, os usuários se armam diante das reações. Gentileza gera gentileza, e se não se ama, não se pode esperar que o amor seja platônico.

¹ Conto premiado no XVI Concurso de Contos Luiz Vilela, MG, 2006.

Depois de estabelecidos os laços, os usuários têm possibilidade de apreciar seus amores, atribuindo notas de acordo com sua preferência pessoal. As notas variam entre 5 e 10, posto que uma entrada abaixo disso não poderia ser classificada como amor, dada a insuficiência emotiva daquele que a julga. Contudo, o mecanismo de proteção implícito na eliminação de notas aquém de determinada faixa é uma medida falha em si, pois que os amores classificados com graus 5 e 6, por exemplo, não se satisfazem como tais, entendendo em geral como baixa a sua situação e reclamando para seu interlocutor que o amor 5 ou 6 não é amor, é ódio.

As particularidades dos perfis amoríferos são em suma discutidas em particular, num canal dedicado exclusivamente a querelas de cunho pessoal, chamado em apropriado de privado. O privado separa as conversações dois-a-dois para que não se exponham seus querelantes ao dissabor do acaso. O Alta Sociedade é um programa aberto, que não oferece restrições à navegação do usuário, e que, portanto, possibilita a intrusão de um ou outro interessado em assuntos alheios. Por isso, o privado resguarda e tem a função de resguardar aqueles que não se interessam em discutir sua intimidade a olhos vistos. A maioria, no entanto, acostumada à exposição aberta dos perfis, opta por não insidiar novas querelas ou simplesmente por espetacularizá-las, diante de uma multidão inflamada entre o estrangulamento binário do *a favor* ou *contra*.

Portanto, o privado permanece inativo grande parte do tempo. É usado em geral por novatos que ainda não conhecem o potencial ou não detém o traquejo do aplicativo. O restante dialoga aos berros nos pontos-de-encontro, que é como se se marcasse uma discussão para uma praça.

O perfil de cada usuário é apresentado com uma foto real e uma imagem escolhida pelo próprio para representá-lo, o avatar. Ambas são visíveis ao interlocutor no canto superior direito da tela. Do lado esquerdo, emparelhados, estão nome e pseudônimo do usuário. O personagem fictício e o personagem real ficam lado a lado, esperando quem os reconheça. Alguns questionam o porquê dessa experiência: se se aponta quem é o verdadeiro sujeito, não há razão em ocultá-lo em pseudônimo. Os usuários mais versados no universo do Alta Sociedade explicam que há quem prefira mergulhar na realidade virtual, porque ali as possibilidades são mais férteis. Estes,

obviamente, ignoram o perfil real de seu interlocutor, tratando homens por mulheres e abobalhados por intelectuais. O avatar maquila a identidade de quem lhe trava contato, ele é o escape dos insatisfeitos.

A realidade virtual no Alta Sociedade segue uma fórmula de sucesso. Ela não é tridimensional, não exige que cada usuário esteja conectado ou use capacetes futuristas para visualizar paródias dos lugares e das cenas que aprecia. A realidade virtual é apenas uma tela limpa, com cores e fontes uniformes, de texto. O chamado modo-texto. Apenas duas imagens aparecem, e ainda assim, em resolução muitíssimo baixa, que impeça os oportunistas de se deterem nas aparências e não analisarem com a devida profundidade os dados contidos no perfil de seu alvo. A função das imagens, no entanto, é de fundamental importância para o reconhecimento de amores que se traduzem no mundo real em relações de amizade. Seja por usuários do aplicativo que travam contato físico de então em diante, seja por conhecidos do mundo real que escapam para a virtualidade com o objetivo único e exclusivo de manter distância e preservar sua vida privada. Ambos precisam, de certo modo, reconhecer se o perfil que lêem é, de fato, o que lhes interessa, e o 3x4 que aponta ao canto direito facilita a apreensão dos incautos.

Afora estas duas pequeníssimas imagens, o resto são palavras. Os usuários chegam a se perder no meio de tantas letras, tantos acrônimos, tantas metáforas. Um as letras brancas e amarelas sobre um fundo preto monocromático (ou vice-versa). O Alta Sociedade não se apropriou e nem quer se apropriar de nenhuma interface gráfica. Porque, para os seus idealizadores, a única realidade virtual é o texto.

O excesso de modo-texto dá margem a excessos. Alguns entendem que a imensa tela em branco (ou em preto) diante de si deve ser inexoravelmente preenchida. E passam anos de sua vida locupletando uma imensa biografia, dia após dia traduzindo em fractais as pílulas de sua história. Algumas páginas pessoais atingem o incrível tamanho de 800 laudas, quando impressas. Outras, mais concisas e menos constantes, não passam de três ou quatro haicais. O monólogo paradoxal é dos mais esquisitos: ao mesmo tempo em que se querem públicos, os diários afugentam o interesse pela intimidade. O Alta Sociedade expõe em carne, osso e avatares a sua ambigüidade bizarra.

Nos pontos-de-encontro, os interlocutores têm ainda a possibilidade de conversar no modo multi-usuário. O modo multi-usuário é caracterizado por um bate-papo em tempo real, donde os participantes atiram suas pérolas aos porcos. É como uma conversa de bar, uma filosofia de botequim, onde não se sabe quem chega, quem deixa de chegar, quem está, e quem não está prestando a menor atenção. Cada ponto-de-encontro responde por uma afinidade binária. O lugar dos que amam isso, lugar dos que são mal-amados... O Alta Sociedade é refúgio dos que se expõem. Um amor que só serve, ou lhes serve, como mais uma identificação binária, mais um ponto de reconhecimento. Todos os que amam fulano, para lá. Os que amam beltrano, e não amam fulano, para cá. Os que amam ambos pode ser que não amem ninguém, só não odeiam.

No mundo feito de extremos, fanáticos religiosos, adoradores do demônio, fãs de boybands e esquerdistas apaixonados, o Alta Sociedade veio bem a calhar, pois que sua mensagem é clara: ame-nos ou deixe-nos. Os pontos-de-encontro, por vezes, são os lugares em que não se encontra nada. São apenas grifes. São decalques ideológicos. Lugares não-tridimensionais em que as pessoas freqüentam apenas porque estão lá, e porque os amigos também lá estão. De volta à bem-sucedida metáfora do barzinho, é como o músico que se apresenta e só é notado se se cobra o couvert. No Alta Sociedade, as coisas ou são gratuitas ou não são...

Os usuários ostentam uma rede imensa de contatos de acordo com sua simpatia. Os contatos são os ditos amores, que de amores, em verdade, nada têm. Como freqüentar pontos-de-encontro, pleitear um número incontável de amores é uma grife. Constam todos de seu perfil, numa lista conhecida pelos entusiastas de *fila*. Mostrar-se sociável, em meio ao Alta Sociedade, é quase vencer o jogo. Quanto mais gente estiver detida em sua fila, mais popular você será – ao menos em tese.

Como na vida real, a fila anda. Os amores que se conectam ao longo do dia surgem no topo da fila. Os que rareiam a se conectar, permanecem com suas entradas no sopé da lista de seus interlocutores. Essa engenhosa rotina proporciona aos usuários a lembrança dos que se fazem lembrar. Os mais presentes são coincidentemente os mais presentes. No ambiente digital das redes sociais, não há espaço para a saudade.

Espaço há, sim, para a memória. O Alta Sociedade substitui a memória humana com requintes de crueldade. Todos os amores têm, recíproca e regularmente, suas datas de aniversário, dias marcantes de sua vida mútua, eventos de interesse conjunto, tudo tudo agendado e confirmado com horas, dias, meses de antecedência. O programa não se cansa de avisar ao seu dono o que deve ou não ser feito, e lembrado; de modo que a memória, como se sabe, é um bem descartável.

Em todo o caso, não se deve confiar cegamente na memorabilia eletrônica. Abertos à espiadela alheia, os perfis são constantemente alterados, para manter em sigilo informações confidenciais. Alguns usuários, freqüentadores assíduos do modo multi-usuário, simplesmente, deletam suas entradas; outros, apagam apenas as conversações, os históricos, os rastros pelos pontos-de-encontro suspeitos e malfadados. A proteção de dados não é questão de vida ou morte, mas de lembrança ou esquecimento.

Por uma razão humana, dos descontentes aos arrependidos, não são poucos os que mentem suas descrições ou desenvolvem casos psicóticos de dupla personalidade. Os gordos, geralmente, pesam-se na Lua. Os anões medem-se em espelhos côncavos. Os tímidos escrevem compulsivamente, e mesmo os misofóbicos parecem algo sociáveis. A verdade é que, acima do bem ou do mal, estão os avatares.

O grande problema é quando algum danado a espertinho resolve criar perfil para outro. Os fãs e fanáticos, por exemplo. Cria-se, com esse procedimento, uma rotina conhecida no Alta Sociedade como atrito de redundância ou, tão-somente, atrito. O atrito é caracterizado por um atrelamento de duas entradas de dados a um único moderador. O usuário acessa normalmente seu perfil, e, sem se dar conta da clonagem, arrasta consigo um alter-ego. Este tipo de erro não oferece grandes danos ao sistema, a não ser o acúmulo de poluição pessoal nos pontos-de-encontro e uma demasiada lentidão no cliente, dada a necessidade de o servidor completar os procedimentos padrões em dois ou mais perfis diferentes, ainda que gêmeos. Por esse motivo, entradas congêneres são chamadas de redundantes e devem, na medida do possível, serem deletadas pelo próprio usuário. Os redundantes são lixo humano, são seres invisíveis, são cascões. Há relatos de casos em que usuários com mais de uma

centena de redundantes pendentes atrás de si, lotaram um ponto-de-encontro sem que lá mais ninguém houvesse. O lugar ficou muitíssimo carregado.

A dificuldade da equipe de manutenção do aplicativo é a relativa facilidade dos mal-intencionados em inscreverem entradas indevidas. Não é possível restringir, seja por qual método for, o acesso a novos usuários, pois que a premissa do Alta Sociedade é de um ambiente livre, positivo e dinâmico.

Para cadastrar um novo perfil, é preciso preencher todo o formulário de dados, mencionando, entre outras informações, seu nome e pseudônimo, para que possa assim ser identificado. Enviado o formulário, o programa estabelece um prazo máximo de 24h para que o servidor envie à caixa postal do usuário seu código de acesso e senha.

Acessando a página inicial do aplicativo, e informando os dados, conforme solicitados, abre-se a tela de boas-vindas. Em seguida, o usuário encontra-se em seu ponto-de-partida (não confundir com os pontos-de-encontro), que, em resumo, é o texto de seu próprio perfil, margeado à direita pelas duas únicas fotos que lhe cabem, sempre em formatos de baixa resolução. No ponto-de-partida constam todos os escapes para a rede do Alta Sociedade, os pontos-de-encontro comumente freqüentados, a fila de amores reconhecidos como tais, e assim por diante. As saídas externas ao perfil são o que validam o ponto-de-partida. É preciso começar dalgum ponto. E voltar para lá. Não cultivando essas paragens, fica o usuário restrito a si mesmo.

No canto esquerdo da tela, há menção à página inicial. O link é feito através de uma palavra reconfortante, lar. Não há lugar como o nosso lar. No mundo virtual, ainda impera a perseverante nostomania. Não é, no entanto, difícil perceber que o jogo de reciprocidade que exige dos interlocutores uma resposta – Você ama fulano? Ou Beltrano? Ou Cicrano? – é uma faca de dois gumes. Aqui, a morte é muito parecida com a solidão. Ou se ama, ou se morre. O Alta Sociedade é uma prova de que o egotismo faz sucumbir excelentes partidos.